1.º ANNO — Sabbado, 7 de março de 1908 — Numero 3

# O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR E REDACTOR
DR. ANDRÉ DOS REIS

REDACÇÃO—Rua Direita n.º 40

REDACTORES
Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Dr. Samuel Maia

ADMINISTRADOR
BERNARDO TORRES

ADMINISTRAÇÃO—Praça do Commercio

ASSIGNATURAS

| | |
|---|---|
| Anno (Portugal e colonias) | 1$200 réis |
| Semestre | 600 » |
| Trimestre | 300 » |
| Avulso | 30 » |

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO



## NOVO ASSALTO

De acostumados que estamos a vêr, ha tantos annos, em cada dia que passa, a monarchia dar assalto novo ás garantias liberaes da nação, parecerá que vamos historiar qualquer recente affronta monarchica ao brio e á dignidade nacionaes.

Não é assim; a monarchia entrou em acalmação...

Custou sangue, vidas, dôres, desespero e odio de milhares d'homens esta tregua dada pela monarchia á liberdade; mas é bem certo que só á custa d'essas torturas todas a liberdade se tem conquistado.

Nos paizes atrazados, como o nosso, como a Russia, como a Persia, cada étape que a liberdade avança é ensopada de generoso sangue que lhe arranca o despotismo.

Assim vimos vivendo ha perto de cem annos; assim continuaremos... Até quando?

Estas treguas, que nos seus refolhos disfarçam a traição e o desforço, vam em trinta semanas?

Emquanto durar a monarchia em Portugal, a liberdade viverá de sobresaltos...

Por mais que digam e clamem os que á monarchia estam prêsos, — poucos pelas suas convicções, menos pelo seu affecto, mas muitos pelo seu interesse,—que as instituições monarchicas, para viver, têem de enveredar por campos novos, banhados do sol da Democracia, devemos nós, liberaes e republicanos, olhar para o passado e lêr na historia do século findo que a monarchia em Portugal nunca pode ser uma instituição democratica e liberal. As suas raizes mergulham n'um passado tenebroso de despotismo; a atmosphera que se respira á sua sombra é impregnada do ar mephitico que lhe vem dos calabouços da Junqueira e das masmorras da inquisição.

O Futuro vive do Passado; como pode a monarchia, nascida e creada n'um meio ignominioso de crimes e traições, em que respiraram as suas cellulas durante mais de três séculos, sacudir de si, n'um momento, todo esse passado tenebroso e apparecer, no século vinte, transformada na sua natureza e essencia?

Como processo de transformação da sua natureza despotica para uma feição moderna e progressiva, inventou-se a ficção constitucional. Sessenta annos de constitucionalismo, produziram—feliz experiencia!—o absolutismo dos ultimos desoito annos, que trouxe a nação, ha um mêz, á beira d'uma guerra civil...

Com este passado, como deve prevêr-se o seu futuro? A monarchia em Portugal é uma instituição condemnada.

* * *

O partido republicano, que está garantidamente constituido como um partido de ordem e de governo; que possue uma larga organisação, que abrange o paiz inteiro; que tem exercido uma acção civicamente educadora, tem transformado já o modo de sentir e de pensar da nação. Entregue á sua propaganda doutrinaria dos principios; demolindo pela revelação dos escandalos e dos crimes monarchicos, creou o estado de alma nacional que tornou impossivel o despotismo em Portugal. Por isso tambem concitou contra si todos os odios formidaveis da reacção.

Na guerra ao partido republicano confundem-se a reacção politica com a religiosa, a economica e a financeira. Havemos de continuar a ser o alvo dos seus ataques, o objectivo das suas campanhas. Cruamente, brutalmente, como ha pouco?

A' traição, com perfidia, como ha annos?

Seja qual fôr o processo, a guerra continuará a mesma...

Continuamos, pois, em campanha aberta.

N'este momento assume ella a forma eleitoral.

Se temos combatido por todas as formas, por todas as formas continuaremos a combater.

E' o nosso direito; e, mais, é o nosso dever.

O novo assalto vamos dá-lo ás reacções conservadoras pela urna. Se não temos aceitado todos os campos para onde a monarchia nos tem desafiado,—como em novembro, como em dezembro, como em janeiro—em que ella pretendia marcar-nos a data e o logar,—apesar de irmos á lucta com a mais reaccionaria das leis eleitoraes, baseada em recenseamentos que nos sam adversos, acceitamo-la como meio efficaz da nossa propaganda de civismo.

Empenhemos todos os nossos exforços; não pensemos no triumpho eleitoral dos nossos candidatos; tenhamos em vista, pelo aproveitamento das nossas votações, mostrar ao país e aos nossos adversarios que a nação caminha abertamente para a Republica.

Façamos ás claras e sem desfallecimento a nossa propaganda eleitoral; mostremos o que tem sido e é a monarchia... que, pelo contraste, demonstraremos, que a unica solução dos graves problemas nacionaes está na proclamação da Republica em Portugal.

F. FERNANDES COSTA.

Em 1 de junho de 1741, quando Frederico, o Grande, recebia pela primeira vez, os seus ministros, dizia-lhes: «Penso que os meus interesses se devem harmonisar com os do estado; se, porém, algum conflicto surgir, deverão prevalecer os d'este sobre áquelles.

Este principe escreveu ainda: —«O soberano, muito longe de ser o senhor absoluto dos povos, é apenas o seu *primeiro magistrado, o primeiro servidor, o domestico do estado.*

## EGUALDADE

A naturesa humana é igual em todos os homens; sob o ponto de vista *physico*, a especie humana é uma só, e as differentes raças não constituem especies differentes de homens; sob o ponto de vista *psycologico* todos os homens são dotados das mesmas faculdades, da intelligencia, da sensibilidade e da vontade.

D'aqui resulta, pois, que todo o homem tem direito absoluto a haver *egualmente* todas as condições necessarias para o seu desenvolvimento e fim racional. E como cada personalidade pode propôr fins especiaes á sua actividade, a todos estes fins se deve estender o direito de egualdade, pois que todo o homem tem direito de exigir *egual* respeito ao justo exercicio da sua actividade.

A egualdade fundamental da naturesa humana não obsta, porém, á desigualdade de desenvolvimento e de applicação das suas faculdades physicas e moraes; a egualdade da constituição physica dos homens comporta a variedade de desenvolvimento e applicação das faculdades e aptidões physicas; do mesmo modo as faculdades psycologicas, sendo as mesmas em todos os homens, variam de homem para homem pelo que toca ao seu desenvolvimento e perfeição.

D'aqui resulta que o direito de egualdade comprehende:—1.º o direito ao respeito da egualdade fundamental de disposição e faculdades contidas na naturesa humana;—2.º ao respeito da desegualdade de desenvolvimento e de applicação d'essas faculdades e disposições, d'onde resulta a desegualdade aparente dos direitos hypotheticos, pois que *desegualdade seria tratar egualmente condições deseguaes;*

A egualdade *material* exigiria que houvesse entre os homens uma egual repartição de coisas ou de bens.

A egualdade *formal* é a egualdade perante o direito ou a lei, que sendo um direito absoluto impõe a todas a obrigação de respeitar egualmente as mais humildes como as mais elevadas condições.

COSTA E ALMEIDA.

Os povos, actualmente, já não estão submissos, nem pensam mais possivel que os governos os contrarie, por mero capricho, para satisfação de um plano politico ou de um interesse de classe. A revolução philosophica e a revolução politica que ensanguentaram o final do seculo 18 e o começar do 19 devem-se indiscutivelmente ás modificações no espirito das populações urbanas e ruraes, no sentido da proclamação da independencia geral contra os preconceitos até então vigentes e contra a indebita intervenção e dispensavel tutella dos governos de qualquer genero.

Hoje, o governo já não é a Divindade Augusta á qual se dobrava o joelho e acatava o *ukase;* o governo é hoje, para qualquer espirito culto, uma delegação do povo e só um povo completamente desfibrado tolera que o amesquinhem ou annullem.

MARCIO.

## MASCARAS

Muita gente ha de julgar que o carnaval já lá vae e que n'esta epoca, toda santa e de purificação de consciencias, ninguem ousará cobrir o rosto com uma caraça, mascara ou disfarce.

Puro engano, oh ingenuas creaturas!

O carnaval, em terras portuguezas, dura tresentos e sessenta e cinco dias, em cada anno, ou tresentos e sessenta e seis, se elle fôr bisexto.

Assim, é de todos os dias, uns põem mascara de jovens, de sabios, de catholicos, de monarchicos, de amigos, de ricos, de influentes eleitoraes, etc., etc.

Nos tres dias chamados de *entrudo*, a mascara é de papel, cêra, panno ou arame, no resto do anno a caraça é o proprio rosto do *typo*. Aquella, feita de papel, cêra, panno ou arame, não se altera. E' feia ou bonita, conforme o modelo, mas é sempre a mesma coisa e, por isso, mais leal, não illude, não finge, não se contrafaz.

Porém, a mascara, que muita gente usa fóra da epoca, dita carnavalesca, modifica-se á vontade do seu possuidor:—aparenta, ás vezes, amizade, e, entretanto, no fundo da alma de quem a traz, ha só odio, rancor, emulação.

Contra os tres dias de carnaval póde *um cidadão pacifico* precaver-se e, como é pouco tempo, o sacrificio que se faz é pequeno; contra os *mascarados* dos restantes dias do anno a precaução é quasi impossivel. Elles apertam-nos a mão, abraçam-nos e dão-nos taes demonstrações de *affecto* que não raro *escorregamos*.

Nos dias de entrudo, *matamos* nós os disfarçados, pelo anno adiante somos nós as victimas. São elles que nos matam. E assassinam a valer, occasionando-nos, com os seus actos traiçoeiros, mal estar, doenças e incommodos que nos encurtam a existencia.

As creanças temem muito os primeiros, eu receio mais os segundos.

OBSERVADOR.

As attitudes violentas criam reacções crudelissimas. A victima afinal, depois de espesinhada, desmoralisada, anniquilada, revolta-se com a impetuosidade de um vento irresistivel, com o fragor de uma erupção vulcanica, com a violencia de uma avalanche destruidora.

As dictaduras, como as pressões violentas, succumbem, como até hoje tem acontecido, pela mesma forma por que nascem.

Oriundas da força, só pela força são sustentadas, mas nem pela força se justificam.

MARCIO.

## MUITO BEM, APOIADO!

O nosso collega *Soberania de Agueda*, entende, no seu editorial de sabbado passado, —que o poder central deve abster-se de intervir no acto eleitoral, e accrescenta:—Realise-se, d'esta vez, uma eleição livre. Cada cidadão faça a sua lista como entender que a deve fazer e que a leve á sua assembleia. A auctoridade publica não tem o direito de se envolver no conflicto pacifico de todos os cidadãos».

Registamos, com prazer, estas palavras do distincto collega, d'onde as transcrevemos.

E dadas as relações que lhe conhecemos com o snr. governador civil, só temos a esperar que as proximas eleições se farão, no districto, com inteira liberdade.

Realmente, *é tempo de se acabar com o modo* por que em Portugal se tem feito eleições.

Muito bem, apoiado!

# Carta á Rainha Snr.ª D. Amelia

E' pela dôr que os espiritos fraternisam. E, pois, que esta hora é de dôr para vós, eu sinto que o vosso espirito desce por instantes a fraternisar com o meu espirito.

Separa-nos, Senhora, uma distancia incomensuravel. Mas a dôr encurta essa distancia e eis-me perto, tão perto que vos falo. Ouvir-me-eis?

Não sei. E' a segunda vez que a vós me dirijo, escrevendo-vos. Porquê e para quê?

Eu vo-lo digo:

Senhora: A civilisação tem produzido erros extraordinarios. A par de grandes virtudes ela tem posto grandes vicios.

A civilisação tem feito de seres humanos seres monstruosos.

Antes dela o homem podia ser fera, mas não era monstro, faltava-lhe tudo que faz a perfidia, a hipocrisia, a vaidade, o orgulho, a traição.

O homem podia devorar o homem, —mas não o crucificava, não o queimava, não o submetia por vinte annos ao martirio horroroso de subterraneos, de carceres hediondos feitos de toda a maldade proterva e maldita.

A civilisação tem creado direitos que são verdadeiros crimes, porque em nome desses direitos os individuos maus praticam toda a sorte de maldades. Quantas vezes a maldade tem sido glorificada?

Entre esses direitos, Senhora, está o direito da primogenitura. Entre esses direitos está o direito hereditario do governo dos povos.

O privilegio de nascimento resulta monstruoso e contraditorio. Monstruoso, porque nega o merito, nega a dignidade, nega o sublime do esforço na obra do espirito; contraditorio, porque nega a doutrina da egualdade perante a consciencia humana,—sem a qual não haverá entre os homens, sem a qual não póde haver moral nem justiça.

Por estas razões, entre outras, eu não posso deixar de ser um republicano; e contra estas razões, vós, Senhora, e comvosco tantas creaturas, sois... monarquica, sois privilegiada do nascimento e tanto que esse privilegio vos fez rainha.

O republicano toma a liberdade de falar á rainha, aproveitando uma hora de dôr em que os espiritos fraternisam. Porquê e para quê?

Senhora, vós viveis, pelo vosso privilegio, muito fóra da natureza e muito fóra da vida social.

O vosso privilegio envolve-vos num ambiente diverso do ambiente que envolve o povo, dum ambiente feito de artificios, de ilusionismos, de mentiras, de adulações, de baixezas e servilismos.

Homens de politica e homens de religião põem entre vós e o povo um véo, como aquele que velava o Templo para que o povo não apercebesse as ficções e as farças dos Misterios.

Mas os tempos mudam e a evolução não é, como pretendem fazer-vos acreditar, uma palavra sem significação. De tal modo, o véo com que vos separam do povo só é prejudicial para vós:— porque o povo já vê atravez dele as ficções e as farças, emquanto que vós, Senhora, não vêdes o que é a natureza e o que é a vida social, isto é, a vida do povo que para além dos atrios dos vossos palacios de marmore e oiro se agita, se debate, se convulsiona sob pressões dolorosas, explorações dolorosas, trabalhos e doenças, fomes e miserias dolorosas.

Ahi estaes, Senhora, vestida de lucto, chorando, chorando a morte violenta do esposo, chorando a morte violenta e prematura e odiosa do filho amado!

Vós os vistes caír aos vossos pés, mortos, banhados em sangue! E a vossa dôr foi grande, e a vossa dôr é grande. Reconheço-a. Sinto-a.

E em redor de vós, sob esse ambiente que vos envolve, em que vos envolvem, um milhar de vozes vos clama aos ouvidos a palavra da mentira, da adulação e do artificio.

A verdade, a pura verdade, essa não vo-la dizem, sincera, respeitosa mas firmemente, com a verdade vos ensinando e vos prevenindo.

A verdade, eu vo-la digo e para vo-la dizer vos escrevo:

Não ha aí assassinos, ha vingadores. Quem matou vosso esposo e vosso filho não foram esses trez homens que a vossa policia trucidou, foram outros, foram esses homeas funestos a quem vosso esposo encarregou do governo dum povo, governo que eles fizeram de corrupção, de terror, de infamia e de maldade.

Não ha aí assassinos, ha trez almas que se condoem, se indignam, se alucinam para o sacrificio proprio deante dos sofrimentos inflingidos por malvados a centenas de martires.

Senhora, o vosso privilegio não faz a vossa dôr maior do que é a dôr das outras mulheres. O vosso esposo e o vosso filho não tem mais aféto e mais estremecimento no vosso coração de esposa e mãe, do que os esposos e filhos das outras esposas e mães. Pelo contrario; o privilegio atenua-a: pois maior deverá ser a dôr de uma esposa ou mãe a quem matam o esposo ou o filho que ás vezes é o seu amparo na miseria, na velhice ou na doença, quantas vezes o amparo de um rebanho de creanças que entraram na vida pela porta da pobreza e do infortunio!

Eu reconheço a vossa dôr e respeito-a, mas obrigado sou a reconhecer que, dias antes da vossa, já mais de um cento de esposas e mães choravam os entes queridos que o vosso governo ía sequestrando aos seus afétos e ao seu amparo atirando-os ao fundo lugubre dos carceres, humidos e frios, imundos e pavorosos, donde saíriam, mercê daquele *decreto* maldito, para o exilio, para Timor, para a morte!

Não eram dois assassinatos, eram centenas de assassinatos: mas horrorosos, porque eram assassinatos lentos, sob todas as torturas fisicas e moraes, —esposos e irmãos, paes e filhos apodrecendo vivos em sepulcros, morrendo nos presidios, longe de todos os entes queridos, erguendo as mãos enclavinhadas e os olhos vidrados pelas lagrimas de fogo e sangue caíndo... caíndo sem remissão, sem alivio, sem que o éco de uma voz amiga dulcificasse os transes ultimos duma angustia imensa, sem que uma carinhosa mão amparasse o ultimo estrebnchar do desespero sinistro e tragico!

Horrivel, Senhora, horrivel!
E quem eram os culpados?

Senhora:

Ordenae aos vossos cortezãos e aos vossos aduladores que vos falem a linguagem da verdade, e rasgae o véo que vos venda a vida natural e a vida social.

Descei da altura dos vossos privilegios e prescrutae o marulhar dessa onda humana que se resolve no trabalho e no sofrimento.

Não considereis o povo um rebanho de animaes, só destinado a trabalhar e a pagar; considerae-o, vêde-o um burborinho de almas com aspirações e anceios, evolutindo para a confraternisação dos sentimentos e da consciencia.

Vêde-o assim e acompanhae-o. Contae-lhe as pulsações e, se conhecerdes que vae ficando febril, não exacerbeis a sua febre.

A febre produz o delirio, e o delirio é a alucinação que póde produzir o crime.

O atentado de 1 de fevereiro foi o delirio produzido pela febre do sofrimento e da indignação.

Dizei aos vossos cortezãos e aos vossos aduladores que vos falem a linguagem da verdade. Quem matou vosso esposo e vosso filho não foram trez homens, foram sete. Foi o vosso governo quem fabricou as armas regicidas.

Não ha aí trez assassinos, ha trez almas onde a angustia de alguns centos de almas cristalisou em ancia suprema, ancia que as determinou e arrastou ao sacrificio,—porque o seu acto, *custe* a quem custar, foi um sacrificio, sacrificio que não é unico na historia, nem na nossa nem na dos outros povos.

Mentem aqueles que vos dizem que esse atentado manchou a historia portugueza. Mentem. O que mancha a historia não são os actos de covardia dos governantes a favor da liberdade. Mais que o atentado manchon-a esse decreto do dia 31 de janeiro, essa pagina infame escrita por um governo e assignada por um rei, pagina infame que ficará na historia como das mais infames, decreto que, a não ter-se dado aquele atentado, estaria a esta hora fazendo chorar lagrimas de sangue a mais trezentas familias, victimas do odio maldito de um bando de malditos.

Mas houve uma vitima inocente, me direis vós. Que culpa tinha vosso filho?

Sim, Senhora, que culpa tinha vosso filho?

São as incongruencias do destino, incongruencias deploraveis. Morreu vosso filho sem culpa e vivem os verdadeiros culpados!

E' tanta a cegueira dos homens e tão falsa ainda a ideia da Justiça, que são os verdadeiros culpados os que ficam impunes, os que veem ainda com palavras de falsa piedade afrontar os mortos, fingindo ter afetos num coração que foi feito sómente para a maldade e para o odio.

Sim, Senhora, vosso filho foi a vitima oferecida em holocausto, e esta só podia ser pura de maculas, para aplacar o odio maldito que se propunha fazer centos de vitimas tão inocentes e tão puras como essa, o odio maldito que caía, ultrajante, infamante, protervo e assassino, sobre a terra portugueza, sobre a consciencia nacional, sobre trezentas familias inscritas num livro negro com as pontas de punhaes de bandidos molhadas em sangue, com as pontas de sabres hervadas pelo veneno trabalhado em fojos de sicarios!

Senhora:

Esta carta vae longa. Termino. Afastae de vós os cortezãos e aduladores que vos não falam a linguagem da verdade.

Vae findo o tempo dos privilegios hereditarios. O *direito divino* cede o logar ao direito humano.

Começae por abrir o vosso coração e o coração do vosso filho,—que começa agora o seu oficio de reinar,—ao amor do povo. Fraternisae. Os tronos que hoje quizerem conservar-se mais algum tempo só pódem conservar-se sobre o aféto do povo. Pela força, pela violencia, pela opressão, mal lhes irá. A violencia é sempre odiosa. A força é sempre brutal.

Dizei a vosso filho e novo rei que se não inspire sómente nos conselhos dos seus conselheiros. Por calculo, por adulação, por julgarem agradar, eles muitas vezes aconselham mal, pondo de parte a verdade, o civismo, a sciencia, a consciencia e a justiça.

Dizei-lhe que leia muito a imprensa do povo, a imprensa independente, a imprensa democratica, que a leia e atenda ás suas doutrinas, aos seus principios, ás suas reclamações.

Dizei-lhe que não tenha medo da liberdade, porque a liberdade é a vida, a paz e a justiça na sua mais nobre expressão; é a maior das conquistas realisadas pelo espirito humano. A liberdade é o direito, o dever, a consciencia.

Dizei-lhe que não faça do trono um embargo ao progresso, que não hostilise a corrente das ideias e sentimentos, que derogue as leis creadas por outro estado mental do homem e para outro estado social, substituindo-as por outras compativeis com o estado social de hoje, que sejam a expressão da vontade coletiva, da vontade soberana do povo.

Dizei-lhe que respeite os direitos existentes e os faça respeitar pelos seus ministros. Que as eleições sejam o que devem ser, que o voto do povo seja respeitado e tenham entrada no parlamento os seus eleitos, de modo que no parlamento esteja, sem sofismas e sem mistificações, a vontade expressa da nação.

Dizei-lhe que repila todos os sectarismos, todos os nepotismos, todos os reacionarismos, e que da sua côrte, como do seu governo, como da vida nacional afaste, com mão firme, tudo o que se lhe apresentar com o cunho protervo do jesuitismo.

Sabereis vós, Senhora, e tereis força moral, vós que por jesuitas fostes educada, para falar a vosso filho assim como vos indico?

Receío bem que não e receío bem que o novo rei seja um rei como são quasi todos. Se o fôr, peior para ele e peior para nós, isto é para o paiz.

Porque nós, republicanos, desejamos a republica sem violencías.

Desejamos que ela venha sem lagrimas nem sangue, e o progresso, e a evolução não contrariada pódem trazela assim.

Pensae nisto, Senhora, e que o tragico sucesso do dia 1 de fevereiro vos sirva de proveitosa lição.

No meio do explendor que vos rodeia lembrae-vos das trevas que nos envolvem.

No meio da vossa magestade, da vossa riqueza e do vosso poder, lembrae-vos do nosso trabalho, da nossa miseria, da nossa escravidão.

Nós temos a consciencia.
Vós sois o Passado.
Nós somos o Futuro.
Vós começaes a vida saindo da justiça.
Nós começamo-la entrando na fraternidade.

Chamaram-vos santa. Não é maravilha; sois formosa, sois rica, sois rainha.—Cobre-vos a fantasia e a seducção. Foste privilegiada do Destino.

A nós chamam-nos a *canalha*, a *plebe*. Cobrem-nos realidades tristes, cobrem-nos farrapos. Somos os martires do destino.

A vida é de contrastes: Aqui estão os nossos farrapos em frente dos vossos mantos de veludo e oiro.

Não vos iludaes,porém, que o Destino tem incongruencias terriveis e, numa hora tragica, a fronte orgulhosa e magestatica dos reis verga até ao chão, e os mantos de veludo e oiro das rainhas salpicam-se de sangue e molham-se de lagrimas, confundindo-se pela dôr governantes e governados, opressores e oprimidos, tiranos e escravos, criminosos e inocentes....

Aceitae, Senhora, a expressão dos meus respeitos, como homem; da minha intransigencia politica como republicano.

Guarda, 15 de fevereiro de 1908.

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO.

---

A soberania da nação não é senão a vontade geral e esta é inalienavel; por conseguinte as maiorias podem, quando quizerem, recusar obdiencia ás auctoridades, depol-as, mudar a constituição; assim procedendo praticam um acto de soberania e diante da sua vontade desaparece a auctoridade derivada do corpo dos representantes. ROUSSEAU.

---

# A opinião publica... fallida

Os reacionarios absolutos que ainda se refocilavam ha um mez, arengando de cathedra aos incertos ventos, e agora de extenso monco cahido, diziam, então, que havia no paiz 80 p. c. de analphabetos, dos quaes saíam os perturbadores da ordem: pedreiros livres, anarchistas, larapios, assassinos, egoistas e invejosos; diziam, egualmente, que tambem eram perturbadores da ordem publica os partidos republicano, dissidente, progressista e regenerador, e que, apezar de tudo,—note-se:—o governo dictatorial «governava com a *opinião publica*». Convem não esquecer que essa tal *opinião publica* era tão sómente a facção franquista-jesuitica; *o resto:* todos os partidos de opposição á dictadura, a imprensa, com excepção de tres jornaes affectos, a mentalidade, emfim, do paiz, é que era a parte perturbadora da nação que aquella duplicidade odienta e odiada então desgovernava. Mas.... triste irrisão para aquelles coveiros e assassinos da monarchia:—o actual governo de acalmação mandou enterrar clandestinamente, para evitar um numeroso, significativo e, quiçá, sugestivo cortejo expontaneo, os cadaveres dos dois homicidas e o do innocente caixeiro, assassinados e mutilados ferozmente pela janizara policia; e todavia numa romagem da população da capital aos covaes d'esses tres infelizes, diz a propria nota policial que a concorrencia se computou em oitenta mil pessoas!...

Perguntamos,agora,nós aos fallidos dictadores reacionarios:—essas oitenta mil pessoas tambem pertenceriam á proporção dos 80 p. c. de analphabetos da população de Lisboa?

Onde estava, n'esse momento, a tal *opinião publica* em que o governo dizia appoiar-se, que não correu a contra-manifestar aquella tão importante romagem liberal?

Onde estava essa *opinião publica* em que o dictador tanto se estribava quando, ao cahir ferido pelas balas o monarcha e o herdeiro do seu throno, em pleno Terreiro do Paço, a multidão cosmopolita não correu a prender os homicidas, e só a policia, armada até aos dentes, como se vivessemos n'um paiz de cafres, é que prestes e tão barbaramente os assassinou?

Essa tal *opinião publica*, representada pelo governo, estava escondida na estação dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, fugindo á tremenda responsabilidade do nefasto decreto assignado na vespera; estava lá escondida, tranzida de susto, como prevendo a resultante da negregada obra que iniciara; estava lá escondida a dar tempo a que a justiça, se tivesse de castigar severamente o attentado liberticida, descarregasse o seu gladio,—como assim succedeu,—sobre quem ía á frente, egualmente ligado á responsabilidade do facto.

A tão apregoada *opinião publica* era, pois, apenas constituida por esse ruinoso governo e pelos escravos seus satelites, em resumido numero, uns, pagos pelo proprio erario, outros obcecados pelas nocivas doutrinas do absoluto dictador.

Mas como todos cahiram! E tão ruins são que, mesmo esperneiando na lama, arreganham os dentes e dizem que ainda hão de erguer o collo, esses realistas-assassinos, como se jámais pudessem apagar das columnas da historia actual a mancha sangrenta das suas leis homicidas. Pois que ergam... que a tal se atrevam... depois verão como o paiz lhe responde á audaciosa e infructifera tentativa. Já tiveram na capital uma amostra da resposta... Experimentem outra vez, e verão então qual é a verdadeira *opinião publica*...

NEMO.

# RIDENDO...

A tal nefanda tripeça:—
João Franco, Abreu e Carvalho,
Estoirou que nem um malho,
Rebentou como uma peça!

Redusiram-vos a cacos,
O' dictadores odientos!
Foi uma de quatrocentos
Milhares de mil macacos!

Chamarem o Amaral, o Henriques,
'Spergueira, Telles, Castilho,
O Wensceslau, Calvet! O' filho,
Tens rasão p'ra cem chiliques!

Eu já te não quero mal
Meu *tezissimo* João...
Mas sob esta condição:—
Lá longe de Portugal!

SERDÉASDRINO.

---

Mirabeau, ao apreciar o systhema republicano, exclamava aos principes: Vós sois os assallariados do povo e deveis submetter-vos ás condições, segundo as quaes esse salario vos é concedido, sob pena de o perderdes.

---

# PORTUGAL PODE SER UM PAIS INDUSTRIAL?

Sob esta epigraphe publicava ha dias um jornal de Lisboa um artigo em que se tentava provar que Portugal não pode ser um pais industrial nem ter pequenas industrias.

Industrial como a Inglaterra, a Belgica e os Estados Unidos, paises que, se me não engano, o referido jornal citava, não.

O segredo do assombroso incremento industrial do Reino Unido está no subsolo das regiões de Cumberland, Warthumberland, Yorhshire, Lancashire e Staffordshire, no qual, ao lado do ferro, se encontra a hulha que annualmente dá perto de 200 milhões de toneladas de combustivel, não só para milhares de motores a vapor terrestres e maritimos, mas tambem para produzir 9 milhões de toneladas de ferro coado.

O mesmo se dá na Belgica, nos valles do Sambre e do Mosa, ricos em ferro e bulha que alimentam os altos fornos de Charleroi e pouco mais adeante em Liége, onde tambem se encontra o ferro a par da hulha.

Pode dizer-se que na republica norte-americana o ferro e a hulha se acham em toda a parte, do Atlantico até ao Pacifico e do Canadá até ao Mexico. E assim este pais, nascido ha algumas dezenas de annos, produz annualmente 14 milhões de toneladas de ferro e do seu subsolo tiram-se 220 milhões de toneladas de hulha.

O ferro é, sem duvida, o principal factor da industria d'um pais e para se obter o ferro é necessario a hulha, que, por emquanto, é um outro factor industrial de grande importancia. E é á feliz coincidencia da hulha se encontrar ao lado da hematite, da limonite e da siderose (minerios de ferro) que os paises citados devem a sua grande industria.

Mas, quer isto dizer que os paises que não teem hulha e ferro em grande quantidade não podem ser industriaes?

Certamente não.

A cidade de Manchester, ha 30 annos com 30.000 ha-

bitantes, tem hoje com sua visinha Salford, que é por assim dizer um arrabalde, uma população de perto de 800.000 almas ou seja o dobro de Lisboa.

E a que é devido este augmento de população?

Quasi exclusivamente ás industrias que teem por materia prima o algadão. (1)

E este, não o produz a Inglaterra, vem de muito longe, da India e dos Estados Unidos da America.

Importantes fabricas do centro da Allemanha recebem as materias primas das costas do mar do Norte e do Baltico e mesmo de paizes extrangeiros.

O nosso pais fornece muito minerio de cobre (2) á Inglaterra, que, depois dos Estados Unidos, é o pais que produz mais cobre.

Muitos outros exemplos podiamos citar; mas estes bastam para demonstrar que até onde não ha materias primas pode haver industria.

Supponhamos que de norte a sul de Portugal não ha materias primas.

Não as poderiam fornecer as colonias?

Infelizmente, estas parecem servir de arena para matar pretos e fazer heroes, de campo para cobrar impostos e para tirocinio de soldados para o hospital ou para a morte.

Não seria melhor que os nossos commerciantes—já que o commercio é uma necessidade actual—entrassem em relações licitas com os indigenas e que trocassem productos manufacturados por materias primas que seriam transformadas nas fabricas da metropole?

Muitas causas concorrem para que isto não se dê.

Os governos só pensam em impostos que fazem que os productos saiam por portos extrangeiros; a ganancia de muitos commerciantes afugenta os indigenas para as colonias inglesas e allemãs; caminhos de ferro não ha, não ha navegação, não ha escolas, não ha nada.

Os governos e, segundo parece, mesmo a nação ficam satisfeitos com impostos e com heroes.

Felizmente que esta vive apenas do passado!

*(Continua).*

MENDES DA COSTA.

(1) Liverpool, a uma hora de Manchester, ha um século com 8.000 habitantes (menos do que Aveiro) tem hoje 650.000 ou 750.000, contando com a população da sua visinha Birhenhead, cidade commercial, o seu principal commercio é o de algodão.

(2) Mines de cuivre de l'Espagne et du Portugal—Ces mines sont les plus importantes de l'Europe... «Ces métaux usuels», Hubert.

Production du cuivre—1890: E'tats-Unis, 117.520; Espagne, Portugal, 53.030; Chili, 26.721; etc. «Lecuivre» Weiss.

## A imprensa e o "Democrata„

Do *Campeão das Provincias:*

**Pela imprensa.** — Appareceu mais um jornal em Aveiro. Tem por titulo *O Democrata*, e por director o snr. dr. André Reis. No quadro da sua redacção figuram os snrs. dr. Fernandes Costa, Albano Coutinho e dr. Samuel Maia. E' republicano, orgão d'esse partido no districto e bem collaborado.

Apetecemos-lhe longa vida e muitas prosperidades.

Do *Aveirense:*

**"O Democrata„.** — Como noticiámos, appareceu no sabbado passado este collega. São seus redactores os snrs. Albano Coutinho, dr. Samuel Maia, e dr. Fernandes Costa e seu director o snr. dr. André dos Reis. E' orgão do partido republicano no districto de Aveiro.

Por todos os motivos é de crer que tenha longa vida, o que sinceramente lhe desejamos.

Da *Vitalidade:*

**"O Democrata„.**—E' o titulo d'um novo semanario, e orgão do partido republicano, que começou a publicar-se em Aveiro.

E' seu director o snr. dr. André Reis, advogado e notario bem conhecido, tendo outros collaboradores.

A *Vitalidade*, agradecendo a visita, acceita a permuta, embora milite em campo differente. Nós tambem somos democratas, mas dentro da carta e do programma do partido regenerador-liberal.

D'*Os Successos:*

**"O Democrata„.**—E' o titulo d'um novo jornal, «orgão semanal do partido republicano no districto de Aveiro».

E' seu director, o snr. dr. André Reis; e redactores, os snrs. Albano Coutinho, dr. Fernandes Costa e dr. Samuel Maia.

Administra-o o snr. Bernardo Torres.

Apresenta-se correctamente, sem exaltações nem doestos que prejudicam, e insere um bom retrato do vigoroso caudilho da democracia, snr. dr. Antonio José d'Almeida.

Apresentando os nossos cordeaes cumprimentos ao novo collega, appetecemos-lhe muitas prosperidades e longa vida.

Da *Independencia d'Aguede:*

**"O Democrata„.** — Recebemos o primeiro numero d'este novo collega, cujo apparecimento aliás haviamos preannunciado. Publica-se em Aveiro, onde era tão necessario, e apresenta-se como orgão da Commissão Districtal Republicana.

Traz variada collaboração, entre a qual avulta um artigo do nosso illustre amigo e correligionario snr. Albano Coutinho, e publica o retrato de Antonio José d'Almeida.

Bemvindo, bemvindo, o valoroso confrade, e um grande abraço ao seu director, o nosso presado amigo dr. André dos Reis.

Extremamente penhorados com a visita e apreciações amaveis e assás captivantes que a nosso respeito se dignaram fazer os indicados collegas, aqui lhes deixamos exarados os nossos protestos de gratidão.

## NOTICIARIO

### Eleições

E' ponto assente que se procederá a eleições de deputados em 5 de abril proximo.

Aveiro, terra liberal e assás culta, sabe bem o que lhe cumpre fazer. Devemos concorrer todos á urna, votando nos candidatos do povo e repellir todos aquelles que tragam chancella palaciana.

O partido republicano do districto de Aveiro fiscalisará o acto eleitoral, obstando ás chapelladas immoralissimas, com que contam vencer os partidos da monarchia.

Façam progressistas, regeneradores, nacionalistas, e quejandos, os accordos que quizerem. Nós lá estaremos no dia e local aprazados a defender os nossos direitos, custe o que custar, succeda o que succeder.

E' tempo de acabar com o velho systema de *nomear* deputados.

A lista republicana no districto é composta de nomes de cidadãos conhecidos que, sendo eleitos, se esforçarão por bem cumprir o mandato que lhes fôr confiado pelo suffragio dos seus eleitores,e ha de obter enorme votação no districto, se se deixarem manifestar livremente os cidadãos.

### Tenente Djalme

Por um grupo de cem liberaes d'esta cidade foi enviado, na semana finda, ao nosso conterraneo snr. dr. Jorge Couceiro da Costa, um telegramma de felicitações pela independencia de caracter que este digno magistrado revelou no julgamento d'aquelle illustre official do exercito.

S. ex.ª, o prestigioso juiz de Louzada, em carta dirigida ao venerando aveirense, snr. João da Maya Romão, declara agradecer muito reconhecido o telegramma enviado, pedindo que esse agradecimento seja communicado a todos os seus signatarios.

### Pesames

Enviamo-los, e mui sinceros, ao nosso presado collega *O Jornal de Vagos* por motivo do fallecimento do seu director, dr. Antonio de Brito Pereira de Rezende.

### Visitas

Recebemos e agradecemos aquellas com que nos têm honrado os nossos collegas: *Voz Publica, Patria Nova, Bairrada, Resistencia* e o *Porvir*.

### Dr. Bernardino Machado

Está completamente restabelecido da ultima doença, que o atacou, este prestantissimo cidadão, chefe querido dos democratas portuguezes, lúcido talento e caracter diamantino.

Felicitamol-o mui sinceramente e a toda a sua extremecida familia.

### Cinzas

Como no ultimo numero annunciámos, realisou-se na quarta-feira a procissão chamada de Cinzas e que é custeada pela Ordem Terceira, a qual já não sahia ha alguns annos. A concorrencia de povo foi enorme. A cidade apresentou durante todo o dia um aspecto alegre, esteve sempre muito movimentada.

O commercio local e principalmente as hospedarias muito lucraram com a enorme affluencia de povo dos logares circumvisinhos do concelho.

### Tempo

Depois do vento norte agreste e frio, que para ahi soprou durante alguns dias, veio a chuva. Os aguaceiros raros momentos nos têm deixado. No domingo passado, á tarde, caiu sobre Aveiro uma grande quantidade de saraiva como ha muito tempo se não viu aqui, obrigando a debandar os grandes magotes de povo que se espalhavam pelos pontos centraes da cidade a presenciar a passagem dos mascarados. As ruas pareciam depois da chuva extensos lençoes de neve.

### Photographia

Visitámos hontem na rua do Gravito o atelier photographico, succursal do outro, em Espinho, pertencente ao snr. José de Carvalho, habil artista muito digno do favor do publico, a quem o recommendamos.

Entre os numerosos trabalhos alli expostos ha alguns de subido merecimento.

### Carnaval no theatro

Tudo quanto ahi se passou, em nosso theatro, durante as tres ultimas recitas do carnaval foi extraordinario.

E' da praxe, em tal quadra, consentirem-se umas certas liberdades, e tolerar o que, em qualquer outra occasião, absolutamente não se admittiria.

Mas chegou a haver desregramentos, entrou-se no campo da licença.

Lamentamos o caso.

Soffre-se o barulho ensurdecedor de uma busina, d'uma corneta ou de um tambor, mas o que se não soffre, nem se tolera, é que, em voz alta, n'um theatro, ainda que seja um barracão de feira, se pronunciem obscenidades!

Bem sabemos o motivo determinante da presenciada infernieira, mas fosse elle qual fosse não se justificam os dichotes soezes.

O publico tinha direito de manifestar o seu desgosto contra a empreza, assim como o de divertir-se, isso é verdade, e portanto não lhe levámos a mal as brincadeiras innocentes. Tudo, porém, que se fez fóra dos limites da decencia e da bôa educação, é censuravel, e factos houve dignos da mais acre censura.

A empreza merecia uma pateada tremenda, pois andou mal em trazer ao nosso palco uma companhia como a que ahi esteve.

Reprovámos o seu procedimento, havemos de o reprovar sempre, pois ella não foi, decerto, illudida na sua boa fé.

Conhecia bem o valor dos artistas que contractara.

Todos os espectadores mostraram de uma maneira bem visivel o seu desgosto e alguns chegaram a classificar o caso de uma maneira pouco honrosa para os societarios da empreza que não tinha direito de exigir do publico, por aquella porcaria, os preços que marcou.

### Aggressões e violencias

O illustre ex-regedor da Oliveirinha, cacique eleitoral do franquismo, quiz violentar o nosso correligionario Ricardo Correia, obrigando-o a seguir a politica do dictador. O nosso correligionario repelliu dignamente o Beldroegas, e d'ahi uma acintosa perseguição, que teve por desfecho a prisão arbitraria do snr. Ricardo Pereira, no dia 24 de fevereiro, consentindo-se que elle depois de preso fosse cobardemente esbofeteado.

Ha na esquadra queixa contra os aggressores a quem o ex-regedor applaudiu a cobardia de baterem n'um homem preso.

### Theatro Aveirense

Para nosso governo e do publico desejavamos nos explicassem a quem pertence ali a policia durante os espectaculos.

A' direcção ou á força publica?

Não sei se nos entendem...

## A pedido

### AO SR. CHEFE DOS IMPOSTOS

Ha muita gentinha no mundo que se suppõe superior a tudo, quando exerce na sociedade qualquer logar, embora ella seja de proveniencia humilde.

E ordinariamente succede sempre que quanto mais baixa é a cathegoria do emprego, mais alto ella deseja elevar o seu mando, causando vexames e aggravos, só para se mostrar que de ella muitas das vezes depende o socego de muita gente, no desempenho do seu logar!

Os empregados do imposto do real d'agua não foram criados para vexar ninguem, nem tão pouco para incommodarem quem não prevaricou.

E o serviço feito ha dias com uma pobre mulher da rua de S. Martinho, por esta ter consentido que em sua casa uns lavradores bebessem dois litros de vinho, é dos taes que bradam aos céus!

Que miseria, santo Deus!...

Informe-se sr. chefe da fiscalisação, e verá a nossa verdade.

*A.*

## Espinho, 4—3—1908

**O Mar.**—Durante os ultimos cinco dias o mar tem destruido uma grande quantidade de predios e quasi completamente o mercado Municipal, do qual a nossa prestimosa vereação por desleixo deixou perder quasi todo o material, inclusivé uma grande quantidade de candieiros de illuminação publica que estavam guardados na barraca, por terem sido substituidos nas ruas pela electricidade.

O mar com as ultimas invasões tem deixado a descoberto muito rochedo vivo que poderia servir de base de segurança a qualquer obra de defeza que se pretenda fazer.

COMMISSÕES REPUBLICANAS

Queremos deixar aqui registados os nossos correligionarios que as constituem. São elles:

MUNICIPAL

*Effectivos.*—Dr. Joaquim Pinto Coelho, Dr. Manoel Larangeira, Francisco de Rezende, Alberto Delgado e Carlos Evaristo.

*Substitutos.*—Dr. Antonio Ribeiro dos Santos, Alfredo Barredo, Filippe Louzada, Joaquim A. Moreira Ramos e Lino Brandão.

PAROCHIAL

*Effectivos.*—Manoel C. Ribeiro, Manoel Ferreirinha, Joaquim de Sousa Reis, Domingos Ferreira e Pompeu Araujo.

*Substitutos.*—Joaquim Moreira da Silva, Manoel Alves Lima, Antonio Cruz, Antonio Netto e José Carvalho dos Santo, os quaes podem e devem ser outros tantos assignantes d'este semanario.

GASTÃO DE LIMA.